



Ética profissional e o trabalho do policial

- Uma análise crítica do filme “Polícia, Adjetivo”

INTRODUÇÃO

O filme “Polícia, Adjetivo”, um longa-metragem romeno de 115 minutos, direção e roteiro de Corneliu Porumboiu (2009), ganhador dos prêmios da imprensa e do júri na mostra Certain Regard, no Festival de Cannes, possui um ritmo bastante peculiar, que exige do público paciência e concentração para acompanhar a lenta velocidade com que se desenvolve a trama, que trata da atuação profissional de Cristi (Dragos Bucur), um jovem policial que mora em uma pequena cidade romena, encarregado de executar a seguinte missão: a vigilância de um estudante adolescente, Victor (Radu Costin), denunciado pelo próprio amigo – Alex (Alexandru Sabadac), como sendo usuário e suposto traficante de drogas leves. Mas, o que deveria ser uma tarefa laboral corriqueira a este policial assume outra dimensão quando Cristi, ao seguir e vigiar Victor constata que além de consumir droga (haxixe), o adolescente oferece-a (não cobra por isso) a outros dois estudantes:

Alex, justamente quem o denunciou, e, uma garota do convívio de ambos (e que fuma haxixe junto a eles), cujo nome não é revelado no decorrer da trama, apenas seu sobrenome – Paraschiv. Mesmo não havendo nenhum elemento que prove que Victor seja um traficante de drogas, Cristi sabe que pela lei vigente na Romênia, onde vivem, os atos de consumir e oferecer drogas a outras pessoas, mesmo que em pequena quantidade, são considerados transgressões à lei, cuja pena é de até sete anos de detenção. Acontece que Cristi acredita que, conforme ocorreu nos demais países da Europa, onde houve mudanças na legislação com a adoção de leis comuns na União Europeia para não punir usuários de drogas, o mesmo virá a ocorrer na Romênia.

Diante dos fatos, Cristi vê-se frente a um dilema: realizar um flagrante e “resolver nos interrogatórios” o futuro de Victor, conforme determina Anghelache (Vlad Ivanov), seu superior, ou, contrário a isso, estender as investigações, procurando saber mais a respeito de um irmão de Victor que está viajando; de Alex ou; até mesmo, de um irmão da garota (de sobrenome Paraschiv), pois Cristi não consegue compreender o motivo pelo qual uma pessoa denunciaria o amigo à Polícia e, por isso, acredita que Alex pode estar sendo estratégico na tentativa de desviar a atenção da polícia, ou por ser ele próprio o traficante, ou por ser o irmão da garota de sobrenome Paraschiv, que parece ser uma pretendida namorada de Alex da qual o mesmo teria ciúmes com relação a Victor, ainda que no filme isso não seja explícito, ficando apenas nas entrelinhas.

Em meio a esta dúvida, o policial pretende vigiar a rotina de Alex na tentativa de obter mais informações sobre o caso, evitando, com isso, que Victor seja preso injustamente ou que, caso o irmão de Victor seja de fato o traficante, Victor, que na concepção de Cristi é apenas um adolescente irresponsável (e não um criminoso, portanto, não deve ser preso) seria prejudicado de uma forma ou de outra: ou por não denunciar o irmão, sendo, portanto, preso apenas pelo consumo de droga, ou por entregar o irmão à polícia e nunca se perdoar por isso. Cristi não quer conviver com essa culpa, com esse “peso na consciência”, como ele costuma dizer.

Acontece que, ao se sensibilizar com os possíveis prejuízos que Victor sofreria com o flagrante, Cristi passa a ignorar a autoridade de seu chefe que pede

pelo flagrante, prolongando a vigília dos adolescentes e pedindo, inclusive, ao procurador que cuida do caso que interceda a favor das concepções de Cristi, o que lhe é negado mais de uma vez, durante uma conversa onde apenas os dois estão presentes. Em um dado momento do diálogo, o procurador contra-argumenta que Victor não terá que cumprir sete anos de detenção, apenas metade disso: “(...) *Ele sai em três anos e meio. O pai é contador, tem dinheiro*”. Ainda assim, Cristi insiste e retruca: “(...) não quero estragar a vida dele por causa de uma lei que vai mudar”.

Mesmo após o promotor sugerir que o caso seja encerrado o quanto antes, Cristi dá continuidade à vigilância e segue Alex desde a escola em que o adolescente estuda até sua casa e Cristi fica observando, de uma calçada próxima, a movimentação das pessoas do entorno da referida casa por horas. Neste interim, o policial anota a placa de um veículo estacionado em frente à casa e liga para o setor competente da polícia para averiguar que seria o proprietário daquele veículo. Mais tarde, a garota que costuma ser vista fumando haxixe junto a Victor e Cristi entra na casa e permanece por pouco mais de uma hora. Ao sair, Cristi a segue.

No decorrer da trama, também é possível observar a vida privada de Cristi, que apesar de estar recém-casado, possui uma relação distante com sua esposa que, à propósito, demonstra ter nível cultural mais elevado e conhecimento linguístico mais aguçado do que seu marido. Aliás, Cristi não parece ter laços afetivos estreitos com nenhuma das pessoas ao seu redor e sua vida aparenta ser bastante monótona e enfadonha, tal qual a rotina do seu trabalho, onde os demais funcionários não demonstram engajamento na tarefa laboral que desempenham no âmbito do serviço público, o que dificulta ainda mais o desenrolar da investigação na qual Cristi vem trabalhando. Entretanto, apesar dos entraves encontrados no exercício da função, Cristi demonstra bastante empenho em solucionar o caso da investigação de Victor e, para isso, acaba por interferir no ritmo e na dinâmica de trabalho dos demais funcionários que trabalham no expediente interno da polícia, e ainda, confronta as ordens de seu superior, mas, ao final do filme, Cristi acaba por curvar-se às ordens de seu chefe de fazer cumprir a lei (executar o flagrante de Victor) e a ignorar suas próprias convicções, caso contrário seria impedido de exercer a profissão de policial.

Abordagem Crítica do Filme

A começar pela análise do título de “Polícia, Adjetivo”, observa-se que Corneliu foi bastante coerente nesta escolha, que diz respeito à definição daquilo que dispõe o filme, pois, não era o propósito do autor mostrar, como de praxe os filmes de ação policial o fazem, a figura do policial como um sujeito, como um ser que age. Ao contrário disso, Corneliu se interessou muito mais em conduzir a trama a partir da ideia de que ser um policial significa, na verdade, possuir uma qualificação específica (adjetivo), cujo indivíduo possuidor deve estar ciente de que deve priorizá-la em detrimento dos próprios desejos e convicções. Nesta perspectiva, o ator Dragus Bucur vive o protagonista Cristi, que deveria qualificar-se, portanto, como policial (qualidade) e não *um* policial ou *o* policial (sujeito).

Apesar de refutar a ideia de polícia como adjetivo por quase toda a narrativa fílmica, ao se ver tomado por cobranças, obrigações, burocracias, regras, leis, e definições – que acabam por definir o título do filme –, ao final da trama, Cristi é levado a mudar a conduta subjetiva e discricionária que apresenta no exercício da função policial em atenção às ordens de seu superior hierárquico, Anghelache (Vlad Ivanov), que deixou claro ao subordinado (Cristi), o real papel a ele atribuído enquanto policial: o de fazer cumprir a lei. Caso contrário, seria impedido de continuar na corporação policial. Em oposição à linha de raciocínio da chefia de Cristi, que reprime e condena o comportamento discricionário do policial de frente no exercício da função e que levanta a bandeira de que todas as pessoas que cometem um crime devem responder conforme os ditames da lei:

[...] os próprios policiais reconhecem que a discricção (do policial no exercício do seu trabalho) é inevitável, em parte porque é inviável observar todas as possíveis infrações; em parte porque muitas leis requerem interpretação para serem operacionalizadas [...]; em parte porque a polícia acredita que a opinião pública não toleraria uma política de sanção absoluta de todas as infrações possíveis; e [...] frequentemente porque as pessoas discordam sobre se determinadas atividades (como infrações leves de trânsito, por exemplo) são condutas que constituem, de fato, algo errado e algo que mereça, portanto, ser sancionado (BATITUCCI, 2011, p. 6-7).



Desse modo, Cristi, na condição de policial de linha de frente, depara-se com uma situação que o intriga e que o faz agir de forma discricionária: ao perceber que o futuro do jovem Victor está, de certa forma, em suas mãos, Cristi percorre toda a trama protelando para agir conforme determina a função laboral que desempenha em prol daquilo que considera razoavelmente perdoável diante dos ditames da lei.

Assim, “Polícia, Adjetivo” é um filme com características extremamente particulares, que divergem dos típicos filmes policiais hollywoodianos que o espectador está habituado a assistir: ao invés de megaproduções sustentadas por cenários elaborados; efeitos especiais e trilhas sonoras energizantes; além da velocidade e intensidade frenética com que as narrativas fílmicas costumam ser apresentadas, Corneliu surpreendeu com a criação de um roteiro totalmente imprevisível, em que os cenários são propositalmente naturalistas para de notar realismo; as cenas são desprovidas de quaisquer efeitos especiais ou de trilha sonora (o que se ouve são apenas ruídos, sons ambientais e, quando muito, vozes); o ritmo da narrativa é lento, a câmera se mantém estática durante planos extremamente longos e abertos, geralmente, em torno de Cristi e do espaço que o cerca, estratégia utilizada pelo diretor para remeter o espectador a um cenário típico de tocaia, onde o foco é a ação do protagonista na vigília e na longa e exaustiva espera pela próxima ação desempenhada pelos demais personagens.

Quase não se observam *close-ups* (aproximação da imagem) de nada, nem de ninguém, salvo raros momentos, em que alguns objetos são focados, a exemplo da folha de papel contendo os relatórios de investigação elaborados por Cristi e, nas cenas finais do filme (clímax), em que o chefe de Cristi pede que ele leia a definição de algumas palavras contidas em um dicionário de língua romena, na tentativa de enquadrá-lo e conscientizá-lo quanto à conduta ideal esperada por parte do profissional qualificado como policial no dever de fazer cumprir estritamente a lei. Observa-se, ainda, na última cena do filme, um *close-up* do quadro-negro contendo o croqui do plano da ação do flagrante de Victor, apresentada e elaborada por Cristi: um desfecho brilhante da narrativa, que abre espaço à discussão e reflexão de como as relações hierárquicas de poder determinam as condutas profissionais do

subordinado, que deve se submeter às regras determinadas pela autoridade legal, em detrimento das próprias concepções.

Nessa mesma perspectiva, Batitucci (2011) afirma que a burocratização da polícia está de acordo os principais elementos da tipologia weberiana, posto que: é hierarquicamente orientada, com cadeia de comando definida; os policiais são trabalhadores treinados formalmente que executam tarefas especializadas; as atividades laborais desenvolvidas pelos policiais seguem um conjunto de regras e procedimentos pautados na busca pela eficiência. Em outras palavras:

[...] o policial é [ou deveria ser] um operador imparcial da aplicação da lei e relaciona-se [ou deveria relacionar-se] com os cidadãos profissionalmente, de forma neutra e distante, cabendo-lhe cumprir os deveres oficiais e seguir os procedimentos de rotina, independentemente de suas tendências pessoais e a despeito das necessidades do público, que muitas vezes não são estritamente enquadradas pela lei (PONCIONE, 2007, p. 23).

Retomando as particularidades do filme em discussão, ressalta-se que, com aparente simplicidade, mas, na verdade, com enorme destreza, Corneliu é capaz de fazer o espectador (que deve ser paciente) alcançar - por meio da forma como algumas cenas são postas com planos evidentemente estendidos - o quanto o tempo parece decorrer demasiadamente lento na monótona vida de Cristi, tanto no âmbito privado, no que diz respeito à rotina entediante que possui, saindo de casa apenas para ir ao trabalho, e, ao distante relacionamento que mantém com sua recém-esposa, Anca (Irina Saulescu); quanto no âmbito profissional, aonde Cristi vem se deparando com constantes cobranças (por parte de seu superior hierárquico) adversas à sua própria vontade e concepções. Além disso, Cristi não possui maior entrosamento com seus colegas de trabalho, que por sua vez não reúnem ânimo, nem engajamento para colaborar com a pressa que Cristi possui em reunir elementos necessários à investigação de Victor, sempre pedindo a Cristi maiores prazos para a execução das tarefas solicitadas pelo mesmo. Esses funcionários públicos parecem não possuir comprometimento e afinco no desenvolvimento de suas tarefas laborais (característica típica de um serviço público decadente e precarizado) protelando-as o quanto lhes é possível, a exemplo de Nelo (Ion Stoica) que permanece por vários minutos lendo, despreocupadamente, um

jornal e tomando café em pleno expediente de trabalho, mesmo diante do insistente pedido de Cristi para que o colega se dirigisse o quanto antes à reunião que precisaria faltar devido às pendências com seu chefe. Cristi chega a alertar *Nelu* “(...) *Vá antes!*” (à reunião) “(...) *vou ao setor de passaportes e fichas criminais e não quero dar de cara com ele.*” (o chefe). Nelo pouco se importa e retruca “(...) *Esperem dez minutos, me deixe terminar o café...*”. Cenas depois, Cristi dirige-se ao setor de passaportes e fichas criminais, quando é atendido por Dana (*Adina Dulcu*), outra funcionária pouco colaborativa e despreocupada com a pressa do colega, que pergunta “Você verifica uns nomes pra mim?” “(...) Você precisa para quando?”, pergunta Dana. “*O quanto antes. Estou indo pegar os nomes dos outros parentes*”, responde Cristi. “*Então faço tudo de uma vez*”, retruca Dana. Cristi insiste e pede agilidade à colega: “*Faça estes. Estou com pressa. Se um deles for fichado, dá tempo de investigar.*” “*Quando você traz os outros?*”, pergunta Dana. “*Hoje. Espero que Vali (outro colega de trabalho) seja rápido*”, completa Cristi. Com um ar de indiferença, Dana informa que sairá às 15h30min, como se quisesse dizer que não haveria tempo para tal, mas Cristi insiste e afirma que trará os nomes pendentes naquele mesmo dia, na hora do almoço. “(...) *ao meio-dia, vou tomar café com uma amiga. Me ligue 10 minutos antes.*”, conclui Dana. A mesma morosidade e/ou indiferença é apresentada pelos demais colegas de trabalho no decorrer da trama, havendo, inclusive, duas cenas em que *Costi* (*Cosmim Selesi*), a quem Cristi solicita uma pesquisa com urgência, exalta-se ao ser cobrado com prazos, atrasando a entrega da pesquisa e sendo bastante ríspido em suas curtas e secas palavras quando questionado por Cristi.

Definitivamente, espírito de equipe é algo que aquela instituição pública desconhece. Além disso, o evidente desentrosamento entre os funcionários daquele serviço público converge com o modelo burocrático weberiano, dado o predomínio de normas e relações impessoais racionalmente estabelecidas naquele ambiente. No entanto, diverge do referido modelo ao passo que alguns personagens possuem um elevado grau de atrito ao se depararem com as cobranças de Cristi, o que não é esperado pelo referido modelo, já que cada funcionário deveria conhecer e exercer sua função específica, previamente definida pelas normas internas vigentes. Assim,

TELA CRÍTICA

Revista de Sociologia e Cinema

Cristi tenta por várias vezes interferir na dinâmica de trabalho dos colegas, impondo a eles prazos e cobranças e sinalizando o papel que deveriam realizar com prontidão, conforme sua especificidade.



Não é apenas Cristi que é tratado com indiferença e hostilidade em seu local de trabalho. O próprio Cristi mantém certa distância de seus colegas, a exemplo do tratamento dele para com um personagem que aparece em um das primeiras cenas do filme entrando na sala que Cristi divide com Nelo a procura de um GPS que teria emprestado a Nelo. Na ocasião, o colega tenta manter um diálogo com Cristi, perguntado a ele da possibilidade de participar de seu time de *foot tennis*. Mas Cristi é categórico ao negar o pedido do colega, mesmo diante de bastante insistência, argumentando - a secas palavras- que o colega não é bom em futebol e que, portanto, também não teria bom desempenho em *foot tennis*. O colega, indignado o questiona: *“De onde você tirou isso?”*, e Cristi responde de forma categórica: *“É assim, como uma lei.”* O colega o provoca: *“Está escrito em algum lugar?”* *“Não, mas lei é assim mesmo”*, responde Cristi. O curioso é que ao fazer estas afirmações de forma prática e objetiva a respeito da lei, Cristi se contradiz com relação às concepções que possui a respeito do império da lei no exercício da atividade policial, uma vez que costuma fazer julgamento de valores das leis que deveria fazer valer a partir de suas concepções morais. Por outro lado, estaria Cristi tentado dizer que, para ele, as leis válidas não são, necessariamente, as leis oficiais, mas aquelas criadas por ele próprio. Seriam as leis morais?

De acordo com Alves (2014), atualmente pode-se observar o surgimento do novo metabolismo social do trabalho, que trás consigo a nova precariedade salarial e a precarização existencial que, associadas, originam a “crise do trabalho vivo”, composta do seguinte complexo de crises: a crise da vida pessoal, a crise de sociabilidade e a crise de auto-referência humano-pessoal. Cristi vive essas três crises, uma vez que: seu espaço de vida é rotineiramente tomado pelos assuntos e preocupações do trabalho; sua relação interpessoal é pobre e superficial, tanto no ambiente de trabalho, como, também, no ambiente familiar; e, por fim, Cristi experimenta uma crise dele consigo mesmo, uma vez que vivencia um dilema quanto a sua auto-estima pessoal, representado por um conflito interno entre os seus ideais e os deveres legais a serem cumpridos no exercício da profissão de policial.

Ainda com relação à vida pessoal de Cristi, não por acaso, nas poucas vezes em que Anca aparece no decorrer do filme, sempre fica claro o notório e destoante conhecimento (com relação à Cristi) que a mesma possui da língua Romena. Ela tenta explicar ao seu marido algumas regras e classes gramaticais, figuras de linguagem e as diferentes semânticas que uma mesma palavra pode assumir, variando conforme a sintaxe e a morfologia. A intenção do autor em introduzir esta personagem que convive, mesmo que distante, com Cristi foi justamente fazer uma analogia ao título do filme, que trata do juízo de valor particular dos indivíduos sobre a semântica das palavras, que por sua vez são capazes de expressar conceitos e gerar diferentes perspectivas a quem as interpreta.

“Polícia Adjetivo” é um filme de que envolve questionamentos, em que a questão moral é colocada à prova, dada a sua subjetividade, daí o motivo pelo qual Cristi é levado, por seu chefe, a consultar o dicionário para verificar o significado desta e de demais palavras em uma das últimas cenas do filme. Diante da postura de comando firme e desafiadora do chefe, e, após realizar a consulta que lhe foi imposta, Cristi, sabiamente, modifica sua posição questionadora e passa a respeitar a hierarquia de comando, conforme determina o modelo profissional-burocrático de policiamento. De acordo com Batitucci (2011), o policial tem o papel de aplicar imparcialmente a lei, relacionando-se com os cidadãos a partir da neutralidade e da

objetividade desse ideal de serviço, devendo, portanto, cumprir os deveres oficiais segundo os procedimentos de rotina, independentemente de inclinações pessoais e a despeito das necessidades do público não enquadradas pela lei.



Apesar de “Polícia, Adjetivo” não se enquadrar nos roteiros mais óbvios e previsíveis para uma análise sobre as relações de trabalho e, mais especificamente, do trabalho policial, este filme tem muito a dizer: seus minutos finais revelam a dinâmica e o pensamento burocrático típicos do funcionalismo público, sobretudo da polícia, quando o superior de Cristi o rende a um mergulho profundo em definições de algumas palavras presentes em um dicionário romeno, na tentativa de fazê-lo refletir sobre o seu papel enquanto policial e sobre a necessidade de resgatar conceitos que parecem ter sido esquecidos, ou ignorados, por Cristi. A qualificação que lhe foi dada (polícia, enquanto adjetivo) acabou se sobrepondo ao seu dilema ético e moral. Portanto, a partir do presente filme, conclui-se que:

Tal como no conceito weberiano, a burocracia na polícia visa ao estabelecimento de relações entre uma autoridade instituída legitimamente e seus oficiais subordinados. Para cada posição na organização, há direitos e deveres definidos e um salário fixo. O cargo não pertence ao empregado, de forma que nenhum servidor detém o poder da administração para si (BATITUCI, 2011, p. 75).

O desfecho da trama evidencia o modelo profissional-burocrático da polícia, em que as relações profissionais existentes mantêm-se por meio da disciplina e hierarquia: o que deve prevalecer é o império da lei, em detrimento das condutas discricionárias, baseadas em dilemas éticos e morais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar uma possível análise (e não a verdade absoluta) de um filme de longa metragem, com observações, principalmente, sobre as relações de trabalho presentes na Polícia Romena. Entretanto, cabe ressaltar que a interpretação de uma narrativa fílmica nunca ocorre sob uma única ótica pelo público espectador, posto que se refere a uma população heterogênea, composta por pessoas de diferentes escolaridades, faixas etárias, níveis socioeconômicos e culturais. Além disso, o ritmo totalmente próprio (intencional) com que o diretor desenrola a narrativa, e, o cenário fastidioso no qual a trama se desenvolve tendem a cansar e dificultar a percepção de minúcias presentes nas cenas por parte do espectador, acostumado com as superproduções dos filmes policiais hollywoodianos - que geralmente envolvem intensa ação e cenários enérgicos - o que acaba por obstaculizar a percepção e interpretação da mensagem central do filme em questão. O mais importante é que o filme de “Polícia, Adjetivo” abre uma rica reflexão e permite que seja iniciada uma ampla discussão sobre moralidade, conceitos éticos e profissionais da Polícia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e neodesenvolvimentismo**: choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil, Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2014.

BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. A polícia em transição: o modelo profissional-burocrático de policiamento e hipóteses sobre os limites da profissionalização das polícias brasileiras. Dilemas: **Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**. Vol.4, nº 1, jan/fev/mar 2011.

PONCIONI, Paula. Tendências e desafios na formação profissional do policial no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 1, n.1, 2007.



Isabella Fonseca Torres Vilaça

Fonoaudióloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos- Universidade Federal do Pará (UFPA)

Edson Marcos Leal Soares Ramos

Dr. em Engenharia da Produção, Professor do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos da Universidade Federal do Pará